



Artigo
Article

**IDENTIDADE E TERRITORIALIDADE: SOB AS PEGADAS DO
LUNDÚ DE LEZEIRA NO QUILOMBO CUSTANEIRA/TRONCO**

*IDENTITY AND TERRITORIALITY: UNDER THE FOOTSTEPS OF LUNDÚ DE LEZEIRA OF
QUILOMBO CUSTANEIRA/TRONCO*

Fernanda da Silva Rocha¹
Carmen Lúcia Silva Lima²

RESUMO: O presente artigo aborda o Lundú de Lezeira, uma manifestação cultural praticada pelos núcleos familiares da comunidade quilombola Custaneira/Tronco, situada no município de Paquetá, estado do Piauí. A relações de pesquisa estabelecidas e os dados coletados em campo evidenciaram um espaço privilegiado de manifestação da memória social do grupo. A roda de Lezeira é mais que uma dança de roda ou uma brincadeira, representa a conquista da liberdade, uma forma criativa de comunicar a saída do julgo opressor dos fazendeiros. As histórias contadas por seus praticantes mostraram que se trata de um elemento importante para a construção da identidade étnica no presente e um marco para o processo de territorialização vivenciado.
Palavras-chave: Pertencimento, Identidade Quilombo Custaneira/Tronco.

¹Mestre em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia - PPGAnt da Universidade Federal do Piauí - UFPI. E-mail: srfernanda9@gmail.com.

² Doutora em Antropologia. Professora Associado III do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia - PPGAnt da Universidade Federal do Piauí - UFPI. Coordenadora do Laboratório do PNCSA/UFPI. Líder do Grupo de Pesquisas sobre Identidades Coletivas, Conhecimentos Tradicionais e Processos de Territorialização da UFPI. Bolsista CNPQ - Produtividade em Pesquisa 2. E-mail: carmensllucia@gmail.com.

ABSTRACT: This article deals with the Lundú de Lezeira, a cultural manifestation practiced by the families of the Custaneira/Tronco quilombola community, located in the municipality of Paquetá, state of Piauí. The research relationships established and the data collected in the field evidenced a privileged space for the manifestation of the group's social memory. The roda de Lezeira is more than a circle dance or a game, it represents the conquest of freedom, a creative way of communicating the way out of the oppressive yoke of the farmers. The stories told by its practitioners showed that it is an important element for the construction of ethnic identity in the present and a milestone for the process of territorialization experienced. **Keywords:** Belonging, Quilombo Custaneira/Tronco Identity.

INTRODUÇÃO

A formação dos quilombos no Brasil perpassa histórias de resistências, que produzem identidades coletivas situadas em diversos territórios, vivenciadas por meio de danças, religião, ritos, cânticos, brincadeiras, culinária, lendas, entre outras manifestações que constituem um legado cultural de grande valor. Este artigo aborda uma destas manifestações culturais, que evidenciam a beleza de ser da cultura quilombola: o **Lundu de Lezeira** ou a **Lezeira de Custaneira**, expressiva dança da Comunidade Quilombola Custaneira/Tronco, situada no município de Paquetá – Piauí. Trata-se de uma prática que alicerça a identidade e o processo de territorialização, em uma relação direta de pertencimento coletivo. Celebra o encontro da arte com a vida a partir de cada fragmento de verso entoado, de braços entrançados e do corpo suado, dos pés que sustentam os caminhares em ritmo compassado na dinâmica de existências e criações de mundos e do recinto de seus ancestrais.

A referida comunidade é um reduto de insurreição, desobediências, rebeldias, amor e encantaria. Ao refletir sobre o Lundú de Lezeira como elemento da identidade ancestral, estabelecendo relação com o processo de territorialização, evidenciaremos a grandeza de tenras memórias e narrativas entoadas e contadas. Por meio delas, mostraremos como os núcleos familiares que constituem a comunidade conseguiram manter e transmitir para as novas gerações essa tradição tão importante, a memória social (FENTRESS & WICKHAM, 1992) quilombola.

Em relação aos procedimentos metodológicos, o exercício investigativo está situado no campo da Antropologia. O artigo tem a pretensão de ser um relato etnográfico decorrente de pesquisa de campo, constituída de observação e diálogos realizados com os integrantes da comunidade. Entrevistas foram gravadas e transcritas, o que possibilitou conhecer a partir das falas dos interlocutores os significados das ações observadas e narradas. O diário de campo foi uma ferramenta importante, nele consta anotações preciosas para a análise dos dados.

Adotaremos na escrita deste texto a premissa aprendida com dona Rita de Custaneira: “me escuta que eu te escuto”, uma máxima que evidencia bem os saberes fundantes que germinam este texto. Trata-se de uma produção científica que coaduna a experiência de campo e o fazer etnográfico, pois, como afirma Oliveira (2006), o exercício de olhar, ouvir e o escrever são três dimensões da pesquisa que se complementam. A etnografia é concebida como um “olhar de perto e de dentro” (MAGNANI, 2009, p. 18), constituído através de uma ação reflexiva que nos possibilita abordar a identidade étnica, o processo de territorialização, as memórias, experiências e afetos. Desta forma

percorremos os caminhos traçados para a construção do texto. As imagens contidas neste artigo servirão de “textos visuais” (MARTNS, 2017, p. 45), que são fonte de referência sobre o campo, vista no conjunto e como parte das histórias contadas.

O LUNDÚ DE LEZEIRA DA COMUNIDADE QUILOMBOLA CUSTANEIRA/TRONCO

Lócus da prática cultural denominada Lundú de Lezeira, a comunidade quilombola Custaneira/Tronco está situada no município de Paquetá (Latitude: -7.11055 e Longitude: -41.6973), estado do Piauí. O quilombo é uma unidade territorial composto de dois núcleos distintos, reconhecidos e identificados pela Fundação Cultural Palmares – FCP/Minc, através da Portaria nº 190 De 28 de setembro de 2012. Os seus membros se identificam e são identificados como quilombolas, de acordo com o art. 2º do Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003. Constituem, portanto, um grupo étnico-racial detentor de uma trajetória histórica própria e relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra, que por sua vez se encontra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida.

Encravada no semiárido nordestino, Paquetá fica a cerca de 305 quilômetros de Teresina, a capital do Piauí. Possui clima tropical semiárido quente e vegetação Caatinga arbórea, arbustiva e manchas de campo cerrado e cerradão. É constituído por 45 famílias que vivem predominantemente da agricultura familiar.

Os limites do território da comunidade quilombola Custaneira/Tronco foram um cenário do sistema de escravização, como diz dona Rita Gagá, desde antes de sua chegada na fazenda Custaneira. Nesse sentido, está inserido em cenários submersos às relações raciais impostas à população negra, que foi violentamente retirada do seu território ancestral no continente africano e escravizada em nosso país. São vítimas, portanto, de um processo de expropriação territorial iniciado no período colonial. Na memória social há inúmeros relatos desse processo, o que inclui a lembrança do período em que não possuíam direito a um pedaço de terra, restando apenas a condição de vaqueiros e moradores de grandes proprietários de fazendas.

O quilombo Custaneira/Tronco foi constituído como um espaço de resistência à relação desigual entre os negros e o senhorio branco. O desejo de liberdade e uma vida diferente motivou para a luta contra todas as formas de dominação do povo negro. A aquisição da propriedade do imóvel, comprado depois de longos anos de trabalho, é expressão de um significativo desejo de que suas existências humanas obtivessem um lugar fora da Fazenda Custaneira. Explicitando, o imóvel que abrange a área territorial do quilombo foi comprado da Família Moura Fé. Os membros dessa parentela são considerados grandes latifundiários da região, eram donos da antiga Fazenda Custaneira, designação que passou a nominar a comunidade negra que constituiu o quilombo atual. O sentimento de pertencer ao lugar, onde marcam suas pegadas históricas, possibilitou a constituição de uma identidade coletiva, uma unidade de mobilização (ALMEIDA, 1995). Dessa forma, o processo de formação da comunidade enquanto grupo étnico (BARTH, 2000; COHEN, 1978 e ERIKSEN, 1991 e 2002) está situada nesse contexto.

É oportuno pensar que, para além da identificação como quilombola por meio dos dispositivos jurídicos, a “continuidade histórica desses grupos têm sido legítimos pela manutenção de determinadas práticas culturais” (ALMEIDA, 2022, p. 184), tais como o Lundú ou a Lezeira de Custaneira. Prática cultural detentora de diversos nomes: Lundú de Lezeira, Lezeira de Custaneira e Lezeira de Quilombo. É destas formas que é conhecida por seus praticantes, muito embora apresentem uma tênue distinção ao se referirem ao

Lundu como expressão de cântico (improvisado) e a *Lezeira* como a forma deste, configurada por meio de uma roda em que seus agentes cantam e dançam suas histórias e invenções. Ambas estão interligadas a um ethos de um grande símbolo de resistência da formação étnica deste grupo, assim referenciada como

[...] Uma dança em forma de círculo composta por pares. Os músicos ficam dentro da roda, entoando cânticos, e os pares, girando em movimentos cadenciados, promovem coreografia improvisada de troca de parceiros [...] os cânticos remetem à história e ao cotidiano da comunidade [...] O ritmo das letras associadas aos sons dos instrumentos mantém a roda em movimento por horas, noite adentro (BRASIL; BENS NEGROS, 2012, p. 52).

Ela é experienciada na forma de uma dança de roda (roda da vida), advinda do regime escravista, insurgida dentro das senzalas com negros/as escravizados/as. Desde o início,

Consistia em importante estratégia de resistência dos escravizados ao controle senhorial, pois além de diversão, os participantes se comunicavam enquanto cantavam e dançavam, sendo algumas letras meramente informações que eram repassadas” (BRASIL; BENS NEGROS, 2012, p. 50).

Desde a sua gênese, foi uma prática insurgente, contrária a lógica de dominação e sujeição da população negra. Permanecendo fiel à sua origem, no cenário dos dias presentes, continua sendo um ato de resistência, de ser e estar no mundo como fonte potencializadora da identidade inscrita através de suas experiências. Os dados coletados em campo mostram que a *Lezeira* de Custaneira reconstrói cenas históricas na memória de quem dança e canta. Através desta prática cultural, a comunidade vivencia um processo de rememoração, que é constantemente vivificado e entoado nas vozes daqueles que professam os cânticos durante a roda. Em suas vozes, corpos e almas ativas de negros e negras do quilombo Custaneira/Tronco a identidade coletiva segue sendo professada, na letra

Dona Mariquinha,
Eu vim lhe perguntar,
Como foi no canaviá?
Em canaviá, eu fui muito bem,
Eu plantei um pé de cana,
Na rodeira do engenho.
Ô de longe eu vi cerra azul,
De longe eu vi a cerra zuá.

Música de fuga! Nossos mais velhos dizem que era uma pergunta feita e uma resposta dada. Passei o dia no canaviá, na roda da *Lezeira* e o outro perguntava: como foi no canaviá? E o capataz assistindo a roda, ouvindo o outro dizer: foi muito bom, plantei um pé de cana na roda do engenho, deixei algo na roda do engenho, ficou algo ali. E aí dizia: pois de longe eu vi serra azul, vou fugir, de longe eu vi serra zuá, fugir pra serra, buscava novo rumo de vida para ter a libertação. Então esses momentos pra garantir o espaço da terra. Uma das maiores dificuldades na nossa região, porque um domínio de escravidão de coronelismo aqui nessa região, qual era os negros que tinha posse de terra? Nenhum! Saia da senzala, estava livre pra ser morador, que não tava na senzala, mas era escravo do mesmo jeito, e aí como era que os nêgo conseguia isso pra manter dentro do lugar? Muitos quilombos, não se encontra mais os negos originários dele, porque o coronel fez o nego correr, botou pra fora e a existência do nego foi com esse feitiço, foi dando uma volta ali, uma volta cá. Aqui papai foi ser vaqueiro, morreu

uns coronéis aí, e aí eles dizem que vão retalhar a terra. Aí a gente compra essa terra aqui em 94, a um neto de fazendeiro (Arnaldo de Lima, 46 anos, abril de 2023).

Longe de ser traduzida fora de seus círculos, a Lezeira surge não somente como um mero conceito atribuído à dança de roda, mas como ato revolucionário contra colonizador e suas formas de dominação que se perpetuam até os dias atuais. Ela materializa a cosmologia de liberdade e retornos do seus. Nas rodas, os praticantes mergulham nos saberes ancestrais, através das mandigas nas criações nominadas de “muvucas” (cânticos) e seus “lundus” (versos de improviso).

Os dados evidenciados no cântico do Lundú de Lezeira fazem referência à eventos abordados pela historiografia negra no Piauí. Sinalizam predominantes ocorrências de fugas de negros escravizados das senzalas dominadas pelos fazendeiros. A história da comunidade quilombola Custaneira/Tronco, no passado e no presente, é constituída destas narrativas. Um dos interlocutores da pesquisa evidencia bem o que estamos afirmando. “A Lezeira existe no mundo desde que o mundo é mundo! [...] ela é do povo negro que sofreu sujeição e foi escravizado igual a gente” (Albertino José de Lima – Doutor Gagá, 81 anos, 2021). Sua fala evoca uma origem com raízes no continente africano, produz um elo entre o tempo pretérito e o momento atual. Neste sentido, a lezeira transcende uma escala temporal de longa duração, pois aponta para o contexto de acontecimentos históricos de longa data, entre os quais a diáspora dos povos do continente africano que modelou o trabalho escravo no Brasil (MOURA, 2020, p 16).

Nesse ponto, identificamos que as letras e as narrativas sobre a lezeira são uma crítica às relações de poder instauradas pelo regime escravocrata, que se estendem até os dias atuais, dando continuidade às formas de opressão racial que continuam afligindo o povo negro no Brasil. Os cânticos materializam a luta e a resistência pelas condições de uma “liberdade” alcançada na perspectiva que Ângela Davis (2018) defende como possibilidade de uma realização concreta, longe das casas grandes e senzalas. As vozes de mestres e mestras de Lezeira cantam as memórias de seus ancestrais, em movimento de afirmação continua da identidade negra. Junto com a comunidade, eles seguem cantando a idealização de uma liberdade e uma vida toda reinventada dentro do largo processo de submissão e de tentativa de silenciamento de suas origens. Esse protagonismo exercido em conjunturas bastante adversas evidencia bem que estamos diante de uma etnicidade política (COHEN, 1978) voltada a defesa de uma existência coletiva.

Dentro do contexto narrado, que se torna parte da história dos negros e negras deste território, houve a atualização dos sentidos comunitários e de pertencimento ancorados na ancestralidade, de referências ao passado consagradas no presente e a um passo para o amanhã. Nesse sentido, como afirma Lowenthal (1998), lembrar o passado é primordial para o sentido de identidade, pois saber o que fomos no passado serve como confirmação da identidade no presente. As lembranças coletivas são evocadas para amparar as identidades construídas na contemporaneidade.

A organicidade da roda de Lezeira, pelas razões afetivas e históricas, é o lugar de origem que dá sustentação e referência à identidade da comunidade. Nela todas as pessoas se abraçam e partilham um espaço de igualdade; ela possibilita a unificação, o fortalecimento e a continuidade da história de luta e resistência através da evocação da memória ancestral. Como observou Litaiff (1996), o ato de dar as mãos e os braços consagram a altivez e resiliência daqueles todos que lá estão e até mesmo os que estivera.

Figura 1: Imagem aérea de uma roda de Lezeira no Quilombo Custaneira.



Fonte: Alexandre de Moraes Mello, Abril de 2024.

IDENTIDADE ÉTNICA E TERRITORIALIZAÇÃO CONSTRUÍDAS EM CUSTANEIRA/TRONCO

O Lundú de Lezeira dos negros de Custaneira está intimamente relacionado à afirmação da identidade étnica. É um dos elementos que produz o sentido de pertencimento coletivo e elo com o território. Quanto a terminologia da grafia, a consoante “Z” que compõe a escrita foi uma substituição intencional. Seus praticantes, para se contraporem ao significado da palavra leseira com “S”, referenciada no dicionário da Língua Portuguesa à ideia de preguiçoso, sem disposição ou moleza. A nova grafia tem a finalidade de comportar significados atribuído por seus agentes. Desta forma, torna-se sinônimo e símbolo de resistência cultural quilombola.

Nesse ponto, os vínculos com a memória ancestral e as referências são decodificações de mundos cabíveis, que não se pretende dar conta da realidade total. As palavras representam, portanto, apenas um fragmento delimitado do conteúdo dentro uma complexidade maior que é a história sentida e vivida de Custaneira. Elas demarcam uma esfera que produziu uma experiência “contracolonial” (DOS SANTOS, 2015).

A roda de Lezeira ou Lundú de Lezeira trouxe a esse grupo o que aparentemente veríamos apenas como uma simples brincadeira, uma forma estratégica de comunicação e organização por meio da criatividade através das rimas que significavam ao outro a saída do espaço de opressão e subordinação, um passo para a liberdade. A partir desse caráter experimental que se fragmentou, recriou e inventou histórias, nesse território de existências e produções coletivas e singulares, em que humanos e *não-humanos* (DESCOLA, 2016) concorrem e interage com outras formas de vidas.

Na roda, quase tudo se aprende e se completa. Completam-se os corpos, as vozes e o ritmo em síntese de alegria. Aprende-se as cantigas sobre história e criações dos puxadores e/ou cantadeiras na presença dos mestres e mestras ancestralizados, incorporadas na sonoridade das vozes de Mestre Naldinho e a saudosa Mestra Rita de Custaneira.

Estrofes e versos que narram cenas de um contexto inseparáveis de suas vidas e de suas histórias, são referências criativas com letras e frases curtas produzidas por seus dissidentes. Vivas na memória de quem celebra e canta a vida, seja para nos dar boas-vindas, seja para uma redefinição e ruptura de ciclos vividos. Seus cânticos recriam as

prosas e a poesia no tempo presente, compondo uma riqueza de perspectivas que atravessa o universo de ritos do Lundú de Lezeira. Nas palavras de mestre Naldinho:

Eu via na roda de Lezeira um mestre já com idade avançada, ali com seus 68 anos, não tava mais dando conta de tá a noite toda dentro roda, e ele sentou um pouco no canto, e a roda ficou girando, mas quando cantaram um cântico, que aquele cântico mexeu profundamente com o sentimento dele, ele levantou e veio com toda alegria pra dentro roda, e batia nos peito ajudando a cantar aquela música, e eu parei quando vi aquela cena e fiquei observando da alegria, e também, além da alegria dele, a forma como o cântico mexeu com ele, a forma que o cântico tocou nele, ele tava praticamente cochilando no pé da parede, e quando o cântico soou na roda, que era um cântico que dizia:

Carapiné urê rêê,
Carapiné urê rêê,
Eu vou me embora pro capim de costa.
Carapiné urê rêê,
Carapiné urê rêê,
Vamo menina pro capim de costa.
Carapiné urê rêê,
Carapiné urê rêê,
Eu vou embora pro capim de costa.

Então, uma forma de dizer,... esse cântico ele tem uma expressão “vou embora!”, e quantas pessoas saíram em busca de sua liberdade, e que o cântico incentivava a eles não desistir da fuga. O cântico encorajava eles a tomar rumo do caminho, então, muitas cenas eu vi como essa, e agora partilhando de outro dias, nessa diversidade dos cânticos, estão espalhados em várias comunidades, a gente cantava uma que em São João do Piauí canta, nós tava junto com o povo de São João do Piauí, nós tava junto com o povo de outros batuques e aí, quando a gente puxa esse cântico, aí todo mundo senta na roda e diz: lá também a gente puxa esse cântico, lá também a gente canta, esse cântico também é nosso, então esse cântico é do povo negro; esse cântico é do povo quilombola; esse cântico é do povo de axé; esse cântico é do povo de ancestralidade (Mestre Naldinho /Arnaldo de Lima, 46 anos, 2022).

Ressalta-se, portanto, na fala de Mestre Naldinho, como essas produções de cânticos colocam em evidência aspectos de uma cultura que estabeleceram relações diretas com e entre sujeitos iguais e dessemelhantes às condições vividas à época. Merece atenção a identificação e autoidentificação não apenas deste quilombo, mas de outras comunidades quilombolas que se reconhecem e partilham de um mesmo lugar comum. Esse é o lugar que deu origem à comunidade quilombola Custaneira/Tronco, onde o limite entre quem era o proprietário de negros/as escravizados e negros/as africanos traficados das comunidades de África foi cruzado, como nos ensinam Seu Doutor Gagá e Dona Rita. Contudo, é um processo complexo, quando embarcamos nos cânticos que coabitam traços e significados dessa fronteira concebida pelos seus moradores, que separaram pessoas negras de pessoas brancas.

Por muito tempo, não se sabe ao certo, quantos anos foram necessários para que a Lezeira de quilombo ou Lundú de Lezeira conferisse dignidade à existência de vidas negras, fora de seus espaços. É assim que Rita Maria da Conceição, conhecida como Rita da Custaneira, se recorda de seu passado na Fazenda Custaneira, ao lembrar cânticos que energizavam o corpo, após horas de trabalho. Com altivez ela descreve uma rotina de pelo menos 25 anos de árduos afazeres que sucumbiram suas forças, e muito

provavelmente, a deixaram com suas as pernas tortas e cansadas, sem, contudo, retirar sua alegria de viver. Por sua resistência e determinação, tornou-se no presente símbolo de resistência viva do quilombo, herdeira e mestra de Lezeira.

Os caminhos transcorridos com Dona Rita é o caminho de rodas partilhadas dentro da comunidade, que nos leva ao terreiro da casa-grande, do proprietário da Fazenda Custaneira, Joaquim de Moura (Moura Fé), lugar onde viveram Eva Osório e Cícero Tomé, pais adotivos de Dona Rita. Foi no terreiro dessa Fazenda que Seu Doutor Gagá foi excluído do Salão de Festa, assim como outros negros que lá estavam. Mas não deixaram de se divertir em volta do tambor com as célebres letras improvisadas dentro uma roda de Lezeira, relato esse avivado na memória de seu filho, Mestre Naldinho. Essas memórias foram tecidas durante o trabalho de campo, em um momento de deslocamento em romaria realizado para o quilombo. O potencial narrativo dos interlocutores, manifesto nesta e em outras ocasiões, favoreceu decisivamente no êxito da pesquisa e na escrita deste artigo.

Além de ser um traço identitário do quilombo Custaneira/Tronco, a Lezeira é reconhecida como elemento de sacralidade de culto aos ancestrais. Ela faz a ligação com o não humano, ao trazer relevantes referenciais para pensar as religiosidades manifesta nas rodas, confluindo com traços de matriz africana do catolicismo popular vivido na comunidade. Ana Gagá é umas das anciãs viventes do território, companheira de longas datas de Dona Rita. Freqüentadora nata ao lado da Mestra, ela explica que alguns definem a Lezeira como uma religião devido a experiência do constante ritual (de todos os dias) em hora marcada, o que acontece em uma roda no terreiro. Rita diz: “a gente que é da lezeira mexe com tudo” como forma de evidenciar os elos com a espiritualidade ancestral.

Mestre Naldinho acrescenta a relação com a religiosidade de matriz africana é um sinal de uma religião com os ancestrais. Isto se manifesta nas pessoas possuidoras de uma sensibilidade mediúnica “aflorada” que, por algum motivo, sentem as energias quando um cântico é entoado numa roda. Ele alerta que não é sempre que isso acontece, é preciso estar numa frequência de energia muito forte dentro de uma Lezeira. Ao que parece, o local também tem implicações nessas experiências, a ponto de mobilizar a fé, marcando ainda mais a presença da ancestralidade africana.

Essa identidade referenciada como elemento da religiosidade africana é materializada através do lundu cultuado a divindade “Oxóssi”, presente nos ritos da umbanda e do candomblé. Desta forma produz a junção de determinadas práticas com a significação de elementos das diversas espiritualidades dentro das bases que lhe dão sustentação e sedimentam a sua fé. Elas estão incluídas na manifestação da Lezeira, que acaba por atribuir a construção de uma expressão de religiosidade específica (Moura, 2023), que incorpora a Lezeira como marcador identitário de suas religiosidades.

Outra expressão vista como conteúdo de matriz africana está contida no cântico da Lezeira, concebidos como traços da identidade negra. Ela se evidencia ao incorporarem ou manifestarem um tipo de irradiação, o que é demonstrado, por exemplo, no cântico que tem a figura de Exu como entidade divinizada.

Eu tenho, tenho, tenho,
Tenho pássaro na gaiola
Eu não sei o quê que eu tenho,
Quando eu canto a moça chora,
A benguela é de bauba
Pode ter caruncho nela.

Na comunidade, os ritos da religiosidade estão centralizados nos locais assumidos nesse texto, como espaços de confluência decorrente da biointeração (DOS SANTOS, 2015), tais como o Salão de Umbanda (figura 2). Desse modo, quando nos reportamos ao sagrado na comunidade, entende-se que ele se faz presente de forma muito subjetiva na vida cada de pessoa.

Figura 2: Pontos no Salão de Umbanda.



Fonte: Fernanda Rocha, abril de 2022.

Destarte, Brandim (2007) pontua que o sagrado pode estar ligado tanto às ações em que notamos ter relação com o que move a nossa fé, seja na oração, na crença em seus santos, na benção que se pede aos mais velhos, como observado na prática do catolicismo popular da comunidade e na religiosidade de matriz africana. De igual modo, é concebido por este grupo, daí o sentimento de sagrado presente na Lezeira de Custaneira.

Embora estejamos atravessando dimensões da religiosidade vivificada no interior da comunidade, é preciso ressaltar que estes elementos são de um modo especial, identificações trazidas à superfície deste texto por seus agentes (históricos). São diversos relatos coletados em campo e descrições da vida expressa por meio dos elementos contidos na manifestação da Lezeira.

Discussões aprofundadas sobre a religiosidade não serão explicitadas nestas páginas. No entanto, este material cercou-se da presença de um território que se dispôs a compartilhar de suas sabedorias e governabilidades com total domínio sobre sua ancestralidade. O sagrado, aqui, reflete algumas características dos sistemas religiosos da comunidade, que também estão presentes e materializadas nos cânticos das rodas de Lezeira. Não é por acaso que a relação com espiritualidade está em volta de todo o fazer e das práticas culturais no quilombo. Isto nos leva a considerar, em tempos de outrora, a Lezeira ser uma criação que possibilita a religação com o passado, no intuito de manter uma aproximação com origens.

A Lezeira de Custaneira tem sido esse espaço de resistências em que suscitamos um retorno às experiências movimentadas de um tempo inafiançável. Por meio dela se mantém um elo com os ancestrais, numa espécie de conexão que ganha ainda mais força, quando a sola de seus pés estão apoiados na terra de chão batido no quilombo. Nessa passagem, retomamos o cenário em que a religiosidade deste território se encontra em linhas cruzada e em confluências com o “catolicismo popular”, que orienta as suas

relações com fé “dentro do sagrado” seguidos de crenças próprias, distintamente do que conduz as orientações da igreja católica.

A projeção de suas práticas religiosas na comunidade não se restringe apenas à fé. Contudo, no cenário socioambiental encontramos a presença dos não humanos, referindo-se ao meio ambiente, com o qual a comunidade desta pesquisa mantém intrínseca relação. O que ocorre é semelhante ao que registrou Descola (2016) sobre os Achuar, etnia indígena do Amazonas. Em síntese, as religiosidades são praticadas no lugar e com o lugar de suas lutas e resistências.

Datada há mais de um século de existência, é na Sexta-Feira da Paixão que a energia sagrada de mundos coexistentes em que há humanos e não humanos acendem o encantamento sob a Roda de Lezeira. Na Semana Santa, desde os primeiros dias que antecedem o Domingo da Ressurreição de Jesus Cristo, é comum e tradição da comunidade receber visita durante essa data, especialmente os dias de feriado que se inicia na Sexta-Feira da Paixão e se estende até o domingo. É uma tradição religiosa cristã, e tradicionalmente seguida e festejada no quilombo, em que há uma grande mobilização dentro da comunidade para a chegada de parentes distantes e amigos que visitam esse lugar.

A comunidade se prepara todos os anos para esse grande momento de celebrações entre amigos. Para os devotos do quilombo, o dia mais aguardado é dia da Sexta-Feira da Paixão, marcado como dia referente para celebrar suas lutas e resistências e tem como marco simbólico a tradicional *Roda de Lezeira* que marca a travessia e ritual de memórias salvaguardada de seus ancestrais. A Lezeira é a dança de tradição centenária vivida na comunidade, seu dia tem marco simbólico para os negros e negras de Custaneira, pois celebra um dia de ‘liberdade’.

Não obstante, é muito comum alguns cânticos de referência à umbanda serem entoados dentro da roda, eles atuam como manifestação de autoafirmação das identidades próprias do contexto desse grupo, além de ser celebrada dentro dos ritos do catolicismo, o que confere a ela outra qualidade aferida no cenário de religiosidade cristã, na Semana Santa. No território quilombola Custaneira/Tronco essa data é celebrada como componente de “desterritorialização do fundamento católico” (SOUZA, 2015, p. 365), ao mesmo tempo territorializante, vivenciado na experiência do cotidiano de seus agentes, tornando-se grande demarcador da cisão entre o sagrado e profano.

Em vista disso, a noção intempestiva do profano traduzida ao campo da liturgia dos ritos cristãos, no decurso da temporalidade da época, em que seus ancestrais foram escravizados, nessa estação da Semana Santa, em que se cumpria os ritos de penitências da quaresma, a Sexta-Feira da Paixão, era o dia sagrado para os praticantes do cristianismo. Todos se recolhiam em seus aposentos, era dia de “luto pela morte de Jesus Cristo”, então, o silêncio vestia o amanhecer e o anoitecer nas Fazendas, e a cenas que se assistia está descrita por Mestre Naldinho:

[...] Não se tomava banho, cozinhas, varria chão, nada disso, era um dia de luto”. Os negros escravizados e até no tempo de papai e mamãe, aqui, esse dia era o dia da “liberdade”, já que nesse dia, nego não corria o perigo de ser açoitado, então nesse dia, o que era que os negos fazia? Eles, à noite, iam festejar dentro da roda de Lezeira, festejava a liberdade que tinha aquele dia, o único dia que eles podia fazer o que quiser, por isso que pra eles e outros que tem aí, diz que a Lezeira é profana. Dia de sábado e domingo que era alegria do povo branco, no Sábado de Aleluia e domingo da ressurreição, nós negro não tinha sossego, tinha que ir trabalhar, aí pra nós era morte, porque ali nós não tinha mais direito de

liberdade, por isso nós festeja com a roda de lezeira na Sexta-Feira da Paixão (Arnaldo de Lima, 46 anos, abril de 2022).

À época, os proprietários das Fazendas que seguiam essa tradição cristã-católica, a Sexta-feira da Paixão era o dia de fazer penitência; eles se recolhiam do mundo material e de seus afazeres diários, em respeito ao dia do fecho da crucificação de Jesus Cristo. Para os negros escravizados nestes locais, outras cosmologias são experienciadas e marcadas em suas vidas: “era dia de festejar a liberdade dos negros que foi escravizado, porque naquele eles não era obrigado a trabalhar” (Rita Maria da Conceição). Com essa configuração, ao longo do tempo, a celebração da Sexta-Feira da Paixão passou a ter um significado de resistência relacionada à identidade negra.

Do ponto de vista cosmológico vale destacar a relação entre o sagrado e o profano. A prática do Lundú de Lezeira, conforme foi descrito anteriormente, pela tradição católica estaria relacionada à dimensão do profano. Diversamente, para os negros de Custaneira é sagrada e sinônimo de resistência e liberdade.

Símbolo da identidade quilombola em Custaneira, seu sentido abraça uma dimensão bem maior que a prática de uma tradição de dança de roda. Muito embora seja difícil pensá-la fora desse círculo, as referências a essa tradição mostram que ela se transformou ao longo de anos acompanhando o fluxo da vida no quilombo. Junto ao colorido das saias rodadas, os rostos cansados se transformam e são avivados; palavras convertem-se em rimas e labuta em dança. Um conjunto de emboladas e referências que abrem a roda dão lugar ao sapateado e pisadas firmes na terra de chão batido. O mundo imaginário e criativo é percorrido através de seus cânticos e da continuidade de seus costumes e desejos.

Muitos cânticos entoados são palavras que dão vida à história da comunidade, “tem várias lezeiras, várias cantigas que nós chamamos também de muvucas, que é uma história. Eles (puxadores de Lezeira) contam cantando as suas histórias” (Arnaldo de Lima, 2022). São cânticos aprendidos e guardados na memória através do tempo, unicamente, por meio da oralidade. Na comunidade quilombola Custaneira/Tronco, a oralidade ancora princípios de uma cosmovisão devida semelhante às práticas tradicionais de comunidades africanas. A palavra é um dos elementos estruturantes dentro da cosmovisão africana (OLIVEIRA, 2003).

Instrumento do saber e constituinte do tempo, as palavras operam como forças transgressoras e transformadoras de poder em três dimensões: política, sagrado e história. Na política, a palavra tem a “função de cumprir a jurisprudência dos ancestrais nos conselhos de família ou nas assembleias comunitárias” (OLIVEIRA, 2003, p. 46); no sagrado, sua força vital transcende qualquer matéria visível. Na dimensão histórica, ela é notada através das entoadas proferidas dos mestres e mestras de Lezeira, é instrumento mediador do conhecimento transmitidas às novas gerações. Cada aspecto dessas dimensões são presentificada nas palavras que ganham ritmo e musicalidade no entoar das vozes dos mestres da Lezeira de Custaneira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O relato apresentado evidenciou como a construção da etnicidade da comunidade quilombola Custaneira/Tronco e o processo de territorialização vivenciado estão intimamente relacionados às práticas do Lundú de Lezeira. À luz desse cenário, a Lezeira de quilombo é uma dança que permite aos núcleos familiares criarem e manterem eles

com os antepassados e possibilita o exercício da rememoração do passado, a partir de interesses do presente.

A roda da Lezeira é o lugar da existência de corpos resilientes e transgressores, que resistiram e lutaram contra as formas de opressão praticadas desde o tempo da escravidão na fazenda Custaneira. É o lugar da vida que acolhe outra vida, poesia, dança, aprendizagens e ciências de seres ancestrais. É, ainda, um evento que desvela a potência de saberes tradicionais, das mandigas nas criações nominadas de “muvucas” (cânticos) e seus “lundus” (versos de improviso) conclamados nas vozes dos mestres e mestras da comunidade.

Os cânticos entoados são palavras que dão vida à história da comunidade, são vocábulos que tem espírito. Foram aprendidos e avivados na memória através do tempo, através da oralidade foram contados às novas gerações. Diante do exposto, é possível afirmar que a Lezeira de Custaneira é arte e política que sustenta a construção de uma identidade étnica quilombola e a manutenção de um território.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. W. B. de. *Quebradeiras de Coco Babaçu: Identidade e Mobilização*. São Luís: III Encontro Estadual das Quebradeiras de Coco babaçu, 1995.

BARTH, Fredrik. [1976]. “Os grupos étnicos e suas fronteiras”. In: *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2000.

BRANDIM, S. R. L. *Romeiro e Fé: um estudo sobre o santuário de Santa Cruz dos Milagres*. (Dissertação de curso de Pós-Graduação em História do Centro de Ciências Humanas e Letras-UFPI); Teresina, 2007.

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan. Superintendência do Iphan no Piauí. *Bens negros: referências culturais em comunidades quilombolas do Piauí*. Organização Ricardo Augusto Pereira; Pesquisa e texto Solimar Oliveira Lima. Teresina, PI: Iphan-PI, 2012. 80p.

COHEN, Abner. [1974]. *O homem bidimensional: a antropologia do poder e o simbolismo em sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

DESCOLA, P. *Outras naturezas, outras culturas*. São Paulo: Editora, v. 3, 2016.

ERIKSEN, Thomas Hylland. The cultural contexts of ethnic differences. *Man: Journal of the Royal Anthropological Institut*, v. 26, n.1, 1991.

ERIKSEN, Thomas Hylland. *Ethnicity and Nationalism: Anthropolical Perspective*. London and Sterlind, VA: Pluto Press, 2002.

FENTRESS, James & WICKHAM, Chris. *Memória Social*. Lisboa: Editorial Teorema, 1992.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LITAIFF, A. *As divinas palavras: identidade étnica dos Guarani-Mbyá*. Florianópolis: UFSC, 1996.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. *Horizontes Antropológico*, n. 32, 2009.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Quando o campo é a cidade. Fazendo antropologia na metrópole. In: MAGNANI, José Guilherme Cantor; TORRES, Lílian de Lucca (Orgs). *Na Metrópole. Textos de Antropologia Urbana*. São Paulo: Edusp, 1996.

MONTEIRO, Artemisa Odila Candé. *África Brasil: diálogos possíveis: estetização e mitificação de África nas estratégias identitárias e inserção política do movimento negro*. (Coleção Africanidades). Curitiba: Appris, 2013. 258.

MOURA, C. *Quilombos: resistência e escravismo*. São Paulo: Expressão popular 2020.

MOURA, V. R. L. Aspectos étnico-relacionais do “ser” quilombola nas brumas de Custaneira/Tronco. *PEER REVIEW*, v. 5, nº 4, 2023.

OLIVEIRA, D. E. de. *Cosmovisão Africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente*. Fortaleza: LCR, 2003.

OLIVEIRA, Roberto Oliveira de. *O trabalho do antropólogo*. São Paulo: Paralelo 15, 2006.

SANTOS, A. B. *Colonização, Quilombos, Modos e Significações*. Brasília: INCTI/UnB, 2015.

SOUSA, A. J. *Etnicidade e territorialidade na comunidade quilombola Custaneira/Tronco, município de Paquetá – PI, Brasil*. 2015. 454f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2015.

Cronologia do Processo Editorial *Editorial Process Chronology*

Recebido em: 03/05/2024
Aprovado em: 07/07/2024

Received in: May 03, 2024
Approved in: July 07, 2024